



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO
LATO SENSU
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA – PCL**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA
PSICANALÍTICA
2011-2013**

Coordenadora: Profa. Dra. Terezinha de Camargo Viana

O MAL-ESTAR SOB A LUZ DO SÉCULO XXI

Paloma Ávila

Orientador: Prof. Dr. Luiz Celes

BRASÍLIA, 2013

Resumo

Neste artigo serão retomadas brevemente as considerações freudianas acerca do *Mal-estar na Civilização*. Partindo do pressuposto de que o mal-estar na civilização gera inevitavelmente uma condição de vazio interior, talvez até um vazio existencial, que não deixa de existir com o passar do tempo, muito pelo contrário, ao abrirmos mão dos nossos desejos pelo que é exigido pela sociedade temos como resultado o sentimento de vazio.

É questionado se o vazio advém da condição de vida em sociedade e como resultado da mesma, seu cruel produto.

Repensar o vazio é o ponto central da problemática no que diz respeito ao mal-estar na civilização.

Palavras-chave: Mal-estar, civilização, vazio existencial.

Abstract

This article will briefly resume the Freudian considerations about *Civilizations and Its Discontents*. Assuming that civilization and its discontents creates a condition of inner emptiness, perhaps even an existential vacuum, which does not cease to exist with the passage of time, quite the contrary, by letting go of our desires for what is required by society as a result we have the feeling of emptiness.

It questioned whether the condition arises from the existential emptiness of life in society and as a result thereof, his cruel product.

Rethinking the existencial void is the central point of the problem with regard to the civilization and its discontents.

Keywords: Discontent, civilization, existential emptiness.

Tem-se como objetivo geral fazer uma releitura da obra de Freud, “*O mal-estar na civilização*” (1930[1929]), sob uma visão contemporânea considerando seus aspectos atemporais, viabilizando uma nova maneira de se pensar o mal-estar na civilização nos dias atuais bem como os fatores agravantes que contribuíram para a nova caracterização do mal-estar atual.

Ao identificar e repensar o mal-estar na civilização nos dias atuais fica mais clara a compreensão do problema e suas manifestações.

Considerando que ao identificar e repensar um suposto problema ou situação problema chega-se mais perto de sua compreensão. Ao tomar essa linha de raciocínio freudiana como ponto de partida se inclui uma nova leitura e visão sob o mal-estar na civilização com o intuito de identificar os fatores agravantes do mal-estar atual a fim de repensá-los, não visando solucionar o problema em si, mas compreendê-lo de maneira mais clara.

Por tanto tempo, desde quando a obra foi escrita e mesmo antes disso, por seu caráter atemporal, o tempo parece não ter surtido efeito sob esse estado psíquico.

Foi utilizado o método qualitativo para o desenvolvimento do artigo, pois, buscou-se investigar as incidências sobre o tema contemporâneo, em âmbito social e cultural. Seguindo tal método com base na teoria psicanalítica apoiada em uma revisão bibliográfica atual.

O homem na vida em sociedade

Desde os primórdios quando o homem começou a se reunir em comunidades é notada sua dificuldade em partilhar e repartir em sociedade tanto experiências como a própria vivência. Inclusive, abdicar de objetos de satisfação supostamente visando um bem comum ou de outrem nunca foi tarefa voluntariamente fácil.

Freud definiu o mal-estar (1930[1929]/1976) como o sentimento que o homem tem em relação a vida em sociedade que gera a insatisfação em detrimento da culpa inconsciente, aparece como representação pela agressividade inata ao ser humano. Isto é, na civilização, o homem submete-se à ordem que ele mesmo criou abstendo-se da satisfação das pulsões.

Em contrapartida da meta inatingível imposta pelo princípio do prazer surge o princípio da realidade, onde o homem verifica que a tentativa de alcançar a felicidade se torna algo necessário de se abrir mão pelas imposições que a vida real impõe.

As sociedades primitivas que originaram o que chamamos de processo civilizatório almejavam a sobrevivência do indivíduo com seus recursos internos habilitados e aptos a convergirem em coletividade, porém foram de encontro a um vértice desagradável quando relacionado ao campo de seus desejos.

É comum ao ser humano pensar sobre sua vida e seus sentimentos estabelecendo uma busca constante da incerta felicidade com o simples propósito do princípio do prazer.

Entretanto, a vida em sociedade e suas instâncias reguladoras relembram a todo o momento a impossibilidade de viver regido pelo princípio do prazer.

A vida em sociedade demanda do sujeito escolhas diárias, a todo o momento, escolhas aceitas pela civilização ou mesmo repudiadas, entretanto o homem decide viver regido por alguns mecanismos de fuga ou regulação, como por exemplo, a religião, alguns aceitam e escolhem viver sobre seus preceitos e baseiam suas decisões em cima disso.

Outros têm suas escolhas reguladas pelo poder de polícia, contudo o receio da retaliação reprime suas ações. Porém é notável que os sujeitos que ignoram tais efeitos reguladores e se tornam patológicos, perdem seu contato com a realidade ou apenas sucumbem aos seus desejos.

De qualquer maneira não há como fugir da civilização, ela nos é imposta no momento em que nascemos, felizmente ou infelizmente nenhum homem é uma ilha e mesmo que pudesse ser, em um ambiente ideal, acabaria massacrado pelas implicações internas e externas conflitantes em si do princípio do prazer versus o princípio da realidade.

Eros (libido; pulsão de vida) e *Thanatos* (pulsão de morte). Onde *Eros*, simboliza a luta pela vida, impulsionando o contato com o outro através dos vínculos e com a realidade. E *Thanatos* se refere à pulsão de morte, além do princípio do prazer: "É a tendência que, em busca da descarga imediata da energia psíquica, não quer saber de mais nada - nem do real, nem do outro, nem mesmo da sobrevivência do próprio sujeito" (KEHL, 2002).

Viver em sociedade é uma tarefa árdua e escolhida com seus milhões de vertentes e inevitavelmente é necessário escolher algo em detrimento de outra escolha e disso não há como se isentar.

No nascimento, o bebê é incapaz de separar o Eu do mundo externo e paulatinamente vai aprendendo a lidar com esta separação por perceber que não é capaz de satisfazer suas vontades imediatamente, então o Eu se opõe ao seio materno, que está no mundo exterior, e percebe que através do choro, o seio começa a fazer parte de seu mundo, na forma da dor e do desprazer.

Assim o sofrimento se origina no próprio corpo, nas relações interpessoais e no mundo externo, podendo se modificar e através de súbitas fugas, buscar maneiras de amenizar esse sofrimento, por exemplo, pelo processo medicamentoso, que superficialmente ameniza e mascara a dor por tempo determinado.

Conforme diz Birman (2003), "uma parcela substantiva da comunidade analítica se esqueceu de que a subjetividade sofredora tem um corpo e que é justamente neste que a dor literalmente se enraíza". Essa realidade custou caro à psicanálise, pois "deu de bandeja, com isso, para a medicina e para a psiquiatria a inglória tarefa de cuidar do corpo" permanecendo "com a dita parte nobre da subjetividade, isto é, o psiquismo, a versão cientificista da alma".

Percebe-se que na vida em sociedade, o homem utiliza falhados padrões de avaliação. Além disso, busca obter poder, sucesso, riquezas, superestima o ter e subestima o ser.

Formula-se um juízo equivocado que distancia o homem da realidade.

A busca pela felicidade

De acordo com McMahon (2006), o título dado por Freud ao texto “O mal-estar na civilização”, era: A infelicidade na cultura (*Das Unglück in der Kultur*).

A infelicidade e o sentimento de vazio associados diretamente ao sentimento de culpa, frustração e interdição perante a busca incessante para alcançar a felicidade intrínseca ao ser humano constitui uma comunidade cultural que enseja sujeitos libidinalmente satisfeitos em si mesmos, os quais se atrelam uns aos outros através dos elos e interesses comuns.

Se assim fosse, a civilização não teria que extrair energia alguma da sexualidade, porém, esse estado seria utópico. A realidade nos grita que a civilização não se satisfaz com as ligações interpessoais que até agora lhe concernem.

Sabe-se que o princípio da realidade não exclui o prazer, mas exige sua postergação. Embora essa tarefa nunca tenha sido justa ou vivenciada de maneira simples para o ser humano que tenta de diversas maneiras se livrar da esmagadora força opressora que a civilização exerce sobre ele. No entanto pode o fazer em parte, através de subterfúgios, como a arte, a religião, o amor.

Nesse âmbito ocorre o processo de dessexualização do objeto, sendo o mesmo necessário para a civilização. Tal importância se nota ao encontrar vias aceitáveis para a repressão, tendo como fundamento a renúncia pulsional, através do mecanismo de defesa não patológico da sublimação, “uma defesa, ainda que a mais elevada modalidade de defesa da qual poderiam dispor

alguns psiquismos privilegiados e estaria submetida ao princípio de realidade e suas exigências” (KUPERMANN, 2003).

Ainda considerando o que diz Kupermann (2010), no processo de sublimação disponibilizam-se dois tempos: o tempo da dessexualização e o tempo da ressexualização. Na dessexualização o sujeito retira o investimento de sua libido do objeto, ao passo que posteriormente adquire novos objetos de investimento capazes de serem ressexualizados.

Ao abdicar do seu mais primitivo desejo cedendo ao princípio de realidade em busca da felicidade, o sujeito percebe que este estado de felicidade não é perene.

O homem cai na cruel realidade de que a felicidade constante é apenas uma ilusão e por vezes se satisfaz nessa ilusão que se torna confortável e espera, espera por uma oportunidade, um novo amor, um melhor emprego, mais um filho, espera por paciência, espera por um trem que não vem.

A sensação recorrente do vazio

Nem o tempo e suas implicações parecem ter alterado o sentimento de vazio existencial pela condição vivida e imposta ao homem de viver em sociedade renunciando aos seus desejos mais íntimos e assim sendo, enaltecendo a razão que tem como função importante ajustar e regular as realizações e representações da vida na civilização com o intuito de proteger e preservar o homem e suas relações mútuas.

Em decorrência disso, intensifica-se o sentimento de vazio até que se torne em certo ponto insustentável, denotando-se o deslocamento das

condições e dos caminhos necessários para a satisfação recorrente aos artifícios reparadores.

Neste impacto, na condição de desistir do prazer para vivenciar a realidade, o recalque e a repressão censuram a existência do homem, surge então a infelicidade, a sensação de vazio.

Pelo dicionário de Hanns (1996), a melhor tradução para *verdrängung* seria recalque originário, visto que se refere às experiências arcaicas mais fortes que se instauram no inconsciente. A civilização e suas motivações morais atuam predominantemente na repressão (*verdrängung*) como uma segunda censura.

Dentre tantos questionamentos existenciais o homem acaba por se sentir vazio, buscando sentido em sua existência que se torna no mínimo, contraditório.

Se a civilização nos impõe sacrifícios grandiosos, não apenas aos impulsos sexuais, mas também agressivos, compreendemos porque é difícil ser feliz nessa civilização.

O homem civilizado teve de transpor a satisfação imediata dos seus instintos, ou seja, do princípio do prazer, em troca obteve uma parcela de segurança, para viver em sociedade passando a adotar o que Freud chamou de princípio da realidade.

O homem decide abrir mão de sua parcela de felicidade em troca da segurança oferecida tanto pela vida em sociedade quanto a seus efeitos reguladores contra a solidão, o desemprego e o vazio.

A busca do prazer é permeada pelo molde da razão. Então o sentimento de vazio surge como produto de uma felicidade postergada.

Preponderantemente, o sentimento de vazio está atrelado à busca sem sucesso pela felicidade, a parte que falta e jamais é preenchida, pois é preciso olhar pra dentro de si.

Essa sensação não deixa de existir jamais nos sujeitos fixados no passado ou futuro, pois ignoram completamente a possibilidade de mudança presente, se lamentam ou são saudosistas com o passado e investem toda possibilidade no futuro, sem levar em conta a capacidade de alterar e conduzir o presente.

Pensar na quimera da felicidade constante passa a tornar-se lógico ou uma alienação completa do sujeito que pode se fechar num mundo ilusório onde tudo acontece conforme planejado.

Todavia é inevitável que o ser humano viva em tese seus momentos felizes mesmo se como defesa de seus polos psíquicos bem ou mal estruturados, se torne imprescindível que essa busca aconteça, sem ela temos como consequência os sujeitos apáticos, depressivos, misantrópicos.

A busca pela felicidade é praticamente a meta da vida moderna que pressupõe que os seres humanos devem a qualquer custo serem felizes para se enquadrarem na configuração ideal incognoscível da vida em sociedade.

A intemporalidade do mal-estar na civilização

A partir dessa linha de análise busca-se reunir as atuais concepções sobre a obra freudiana “O mal-estar na civilização” que parece ser atemporal, pois o tempo não tratou de anular os efeitos da vida em sociedade no homem.

Numa contextualização temporal, a cultura, a religião, os costumes, a família e demais aspectos significativos, o que quer que tenha levado Freud a refletir sobre o que lhe parecia ser o mal-estar na civilização – remete à configuração social daquele momento histórico.

Porém, seria impossível prever que mesmo com as mudanças socioculturais, a percepção da obra e a atual conjuntura social poderia ainda possuir tal semelhança.

Ao passo que a sociedade se moderniza, os sintomas consequentes da vida do homem em sociedade, seus conflitos, angústias, se repetem por serem naturais à condição humana e do convívio organizado.

Através da decorrente intemporalidade que circunda a vivência de conflitos que acompanham o ser humano no seu enfrentamento gradual de vida, juntamente com as partes que o compõem como ser atuante no mundo, sobrevivendo, aflorando, adaptando e moldando suas instâncias psíquicas de acordo com os processos de transformações vivenciados ao longo do tempo.

A civilização ao atender de forma tão inadequada às exigências e desejos humanos, torna o ideal de felicidade do homem algo inatingível ou mesmo passageiro, poderia ser considerada falhada a forma como atende às nossas expectativas, por não conseguir evitar que exista tamanho sofrimento, o qual é indubitavelmente desnecessário visto que é fruto da ordem criada pelo próprio homem e das formas que o mesmo arca com a civilização.

Civilização esta que lida com as dificuldades impostas ou decorrentes do processo civilizatório de forma insatisfatória, todavia mesmo que suprimíssemos todas as causas aparentes do que podemos chamar de infelicidade civilizatória, ainda restaria uma inerente à condição humana, da

qual não haveria escape, o instinto agressivo que nos acompanha desde o nascimento.

O bebê manifesta seus instintos agressivos na ausência da mãe quando sente qualquer necessidade fisiológica, dando exemplos de sentimentos de vingança ou egoísmo, ao querer tomar a mãe somente para si, para única e exclusivamente satisfazer seus desejos.

E conforme cresce e se desenvolve o ser humano não deixa de perder sua essência egoísta e continua a todo custo buscando a satisfação de seus desejos. Porém, percebe com a maturidade que seus anseios lhe impõem um custo que ele nem sempre está disposto a pagar.

A partir disso fica claro porque o altruísmo é uma habilidade que deve ser assiduamente trabalhada, requer prática. Enquanto o egoísmo flui naturalmente.

O sentimento de onipotência da criança em relação aos seus pensamentos dotados de uma forma de imagem recheada de perfeições é denominado eu ideal. Resultante do investimento narcísico dos cuidadores bem como, das exigências projetadas dos mesmos, carrega o discurso apaixonado dos pais capaz de produzir uma imagem idealizada abandonando qualquer resquício de consciência crítica.

O ideal do eu, o supereu ou superego, é constituído por exigências do mundo externo situadas no lugar da lei, do campo simbólico e onde o sujeito estabelece como norma buscar satisfazer essas demandas comprometendo-se em cumpri-las esperando como retorno reconhecimento e amor.

O investimento libidinal do ego original posteriormente se transmite aos objetos permanecendo ainda diretamente associado às catexias objetais iniciais.

No caso Schreber (Freud, 1911), o mesmo ocupava uma posição de prestígio no cenário jurídico, contudo ao ser convocado a uma função de extrema importância desorganizou-se a ponto de não localizar um significante que representasse o lugar de autoridade, significante este que estaria, portanto, inacessível.

Partindo ligeiramente para uma análise lacaniana, entendemos que tal significante não fora localizado por estar foracluído (foraclusão; *verwerfung*). Pode-se considerar que o delírio de Schreber e sua gama de significações deram-se de maneira a garantir quem de fato ele era. Já que se inviabilizou o ideal de plenitude que ocorre no estágio do espelho. Na falta do Nome-do-Pai como condição estrutural e na tentativa de eliminar o conflito entre o eu ideal e a demanda externa, em seu delírio, Schreber, elabora uma metáfora paterna inexistente com o fim específico de criar uma referência que se encaixe como verdadeira em seu Eu Ideal e dessa maneira o resguardando em sua posição narcísica.

Enfim, o psicótico não possui referencial simbólico que lhe permita significar a demanda externa. Dessa forma o delírio se constitui num sistema próprio repleto de significações capazes de dar sentido à perspectiva do eu ideal do sujeito.

Entrando agora no campo das pulsões, atos relacionados à destrutividade, crueldade e hostilidade estão diretamente associados à pulsão

de morte, embora a agressividade não esteja exclusivamente ligada a *Thanatos*, pois se liga também a *Eros*, sendo parte das pulsões eróticas.

Em uma situação limítrofe a agressividade é uma tendência destrutiva, mas também “representa a vocação humana para a rebeldia” (KEHL, 1987). Sendo fiel ao representar tal rebeldia num contexto de certa forma positivo, como quando se tenta em sentido lato, melhorar o mundo e os indivíduos com o propósito de enlaçar a vida num arranjo mais harmonioso e prazeroso. E, portanto mais assonante e de acordo com a intenção de alcançar a satisfação na civilização.

No embate entre as pulsões, fica claro que ambas coexistem como numa balança tentando equilibrar os alicerces do psiquismo.

Através da pulsão de morte se evoca o desejo de não separação, se quer o repouso, o retorno à condição uterina, a tendência ao zero. E a partir disso se tem como objetivo a aniquilação das tensões. Assim sendo, através da morte poder-se-ia almejar satisfazer o desejo de equilíbrio.

O equilíbrio é de fato instável, logo, o malabarismo aplicado quanto às questões das pulsões de vida e de morte contribuem para que o sujeito não se aprisione em suas escolhas nem em seus quereres, logicamente espera-se preferencialmente que se prevaleça experienciar a pulsão de vida.

No aspecto da civilização, a pulsão de morte se reduz ao se deparar com *Eros* engendrando o árduo trabalho de expandir e semear as engrenagens evolucionistas da cultura.

O mal-estar e seu efeito

O sentimento e a estrutura psíquica dos seres humanos em relação à civilização parecem ser muito semelhantes à proposta de Freud quando a obra, “O mal-estar na civilização” (1930) foi escrita, por outro lado, muito foi mudado.

Os novos ideais e ideias da constituição do homem atual têm contribuído para novas formas de sentimentos de mal-estar e sintomas diferentes.

Existem fatores, os quais já foram modificados pela constante reconfiguração dos quadros sociais, capazes de auxiliar na compreensão do problema em si, permitindo ao sujeito repensar a problemática sob a ótica atual amenizando os efeitos causados pelo mal-estar.

Obviamente o mal-estar na civilização não desapareceu, manifesta-se nas mais variadas combinações. Através do consumismo exacerbado, no anseio de aplacar angústias, priorizando o ter e desvalendo o ser, envolve o culto ao eu, elemento narcísico ligado à voracidade do compulsivo que tem como intenção suprir o sentimento de vazio. O mal-estar é vertiginosamente visível, também, no desemprego acentuado vinculado à substituição do trabalho do homem por instrumentos mecanicistas dispostos a rechaçar as estruturas sociais contribuindo com a falta de ocupação e perspectiva do sujeito e suas representações.

Manifesta-se por intermédio da violência, das discrepâncias econômicas e sociais, dos conflitos étnicos: envolvendo questões políticas, culturais, religiosas ou territoriais.

A contemporaneidade trouxe em seu bojo novos quadros relacionados ao sentimento de mal-estar, pode-se pensar que, o melancólico da Idade

Média, hoje seria o ascético depressivo, o qual busca indefinidamente algo que ali não está, algo que se relaciona somente com o tempo passado e futuro. Onde o presente se conecta como parâmetro da realidade apenas como força desencadeadora ao retorno episódico da sensação de prazer e dor.

Quando Freud, em 1930, desenvolveu suas reflexões acerca do Mal-estar na civilização, talvez tentasse traduzir o próprio vazio, ora aliviado pelos prazeres, ora intensificado pelo choque da realidade.

Postulou em 1927, suas esperanças de que a razão – com um esforço continuado – pudesse bastar os excessos pulsionais aos quais se atribui não só o desequilíbrio do sujeito, como das relações sociais.

A vida em sociedade implica na compulsão ao trabalho, gerada pela necessidade externa, o poder do amor, quando o homem projeta a responsabilidade da sua felicidade no outro, seja amor romântico ou paternal.

De acordo com Freud, o homem não é capaz de amar o outro como a si mesmo, em especial quando o outro é desconhecido e não possui relação afetiva com ele, se o amor é objeto de disputa, não seria justo amar a quem originalmente destina seus impulsos agressivos.

A repressão sexual é a solução da sociedade para controlar os impulsos agressivos do homem, desta forma surge o amor fraternal como forma compensatória para a libido reprimida.

De século a século, novas visões paradigmáticas recaem aos olhos ávidos dos homens.

Todavia, “a voz do intelecto é suave, mas não descansa enquanto não consegue uma audiência” (FREUD, 1927).

O sujeito faz revelar-se imerso em sua subjetividade, singularidade, absolutamente idiossincrático lidando com os dilemas inerentes à complexidade do humano, do existir e do ser.

Vivemos em uma sociedade fragmentada, modificada nos aspectos anteriormente tidos como rígidos e patriarcais, os valores não mais possuem contornos absolutamente identificáveis.

O vazio como sintoma social alberga em cada uma de suas impressões, conteúdos de um sujeito incoercível que indaga o objeto de seu interesse ininterruptamente insurgindo aos automatismos ideológicos.

Quando pensamos no mal-estar, o vazio existencial, ainda parece ser a condição do homem moderno em nome da contrição e da renúncia perante a dinâmica das transformações sociais e a permanente adaptação do sujeito às nuances da vida e seu percurso.

Referências Bibliográficas

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FREUD, S. (1911). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides)*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. XII.

____ (1913[1912-13]) *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XIII.

____ (1920). *Além do Princípio do Prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XVIII.

____ (1927). *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XXI.

____ (1930[1929]). *O Mal-Estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XXI.

____ (1939[1934-38]). *Moisés e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XXIII.

HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. São Paulo: Imago, 1996.

KEHL, M. R. *A Psicanálise e o domínio das paixões*. In: *Obra Coletiva. Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

____ *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

____ *O tempo e o cão*. São Paulo: Boitempo, 2009.

KUPERMANN, D. *Ousar rir: humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

____ *Humor, desidealização e sublimação na psicanálise*. In: *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, 2010, vol. XXII.

LACAN, J. (1966). *Apresentação das memórias de um doente dos nervos*. In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MCMAHON, D. M. *Felicidade: uma história*. São Paulo: Globo, 2006.

MEZAN, R. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SCHREBER, D. P. (1903). *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.